

Gênero, Feminismos e “(In)Segurança Ontológica”: uma revisão integrativa da literatura de Relações Internacionais

Gender, Feminisms and “Ontological (In)Security”: an integrative review of International Relations literature
Género, Feminismo y “(In)Seguridad Ontológica”: una revisión integrativa de la literatura de Relaciones Internacionales

Helena Salim de Castro

Universidade Federal do Paraná (PPGCP-UFPR), Brasil

castrohelena281@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-3059-2150>

Ramon Blanco[1]

Universidade Federal da Integração Latino-Americana

(UNILA), Brasil

ramon.blanco@unila.edu.br

 <https://orcid.org/0000-0003-0330-6235>

Recepción: 04 Agosto 2025

Aprobación: 13 Octubre 2025



Acceso abierto diamante

Resumo

O conceito de "insegurança ontológica" foi cunhado em 1960, mas ganhou destaque nas Relações Internacionais apenas três décadas depois. Desde então, teóricos têm explorado a "segurança do ser" para analisar políticas de segurança em níveis interestatal e intraestatal, a partir de diversas perspectivas e teorias. Este artigo mapeia e analisa a literatura de Relações Internacionais que utiliza ou dialoga com esse conceito, com foco em perspectivas de gênero e feministas. Para isso, utilizamos a metodologia de Revisão Integrativa da Literatura, coletando 14 artigos publicados em periódicos Qualis A1 da área de Ciência Política e Relações Internacionais. A análise foi guiada por duas questões: a) como o conceito de "segurança ontológica" é abordado nos artigos? e b) quais são as contribuições das perspectivas de gênero e feministas para essa literatura? Observamos que poucos autores debatem diretamente o conceito, e menos ainda consideram realidades além do Norte Global. As perspectivas de gênero e feministas oferecem novas visões sobre a construção de discursos e narrativas de segurança, além de sugerirem políticas alternativas para lidar com incertezas e ansiedades. Apesar dessas contribuições, concluímos que o debate sobre "(in)segurança ontológica" ainda precisa avançar, especialmente em investigações que considerem corpos e subjetividades fraturadas ou ontologicamente indefinidas.

Palavras-chave: Revisão Integrativa da Literatura, “(in)segurança ontológica”, gênero, feminismos, Relações Internacionais.

Notas de autor

Helena Salim de Castro: Pesquisadora de Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Paraná (PPGCP-UFPR). Mestre e Doutora em Relações Internacionais pelo PPGRI San Tiago Dantas (Unesp, Unicamp, PUC-SP). Coordenadora do Iaras – Núcleo de Estudos de Gênero. Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Relações Internacionais - NEPRI/UFPR. Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Gênero, Raça e Diferença na Política Internacional – NUGRAD/UFU.

Ramon Blanco: Doutor em Relações Internacionais. Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq, é Professor Associado da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), onde é Professor Permanente no Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, além do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Paraná. É autor de *Peace as Government: The Will to Normalize Timor-Leste* (Lexington Books, 2020) e, em coautoria com Alessandro Eugênio Pereira, *Teorias Contemporâneas de Relações Internacionais* (Intersaberes, 2021).

Abstract

The concept of "ontological insecurity" was coined in 1960 but gained prominence in International Relations three decades later. Since then, theorists have explored "security of being" to analyze security policies at interstate and intrastate levels, from various perspectives and theories. This article maps and analyzes the International Relations literature that utilizes or engages with this concept, focusing on gender and feminist perspectives. To achieve this, we employed the Integrative Literature Review methodology, collecting 14 articles published in A1 Qualis journals in Political Science and International Relations. The analysis was guided by two questions: a) how is the concept of "ontological security" addressed in the articles? and b) what are the contributions of gender and feminist perspectives to this literature? We observed that few authors directly debate the concept, and even fewer consider realities beyond the Global North. Gender and feminist perspectives offer new insights into the construction of security discourses and narratives, as well as suggesting alternative policies for dealing with uncertainties and anxieties. Despite these contributions, we conclude that the debate on "(in)ontological insecurity" still needs to advance, especially in research considering fractured or ontologically undefined bodies and subjectivities.

Keywords: Integrative Literature Review, "ontological (in)security", gender, feminism, International Relations.

Resumen

El concepto de "inseguridad ontológica" fue acuñado en 1960, pero ganó prominencia en las Relaciones Internacionales solo tres décadas después. Desde entonces, los teóricos han explorado la "seguridad del ser" para analizar las políticas de seguridad a nivel interestatal e intraestatal, desde diversas perspectivas y teorías. Este artículo mapea y analiza la literatura de Relaciones Internacionales que utiliza o dialoga con este concepto, con un enfoque en perspectivas de género y feministas. Para ello, utilizamos la metodología de Revisión Integrativa de la Literatura, recopilando 14 artículos publicados en revistas Qualis A1 en el área de Ciencia Política y Relaciones Internacionales. El análisis fue guiado por dos preguntas: a) ¿cómo se aborda el concepto de "seguridad ontológica" en los artículos? y b) ¿cuáles son las contribuciones de las perspectivas de género y feministas a esta literatura? Observamos que pocos autores debaten directamente el concepto, y aún menos consideran realidades más allá del Norte Global. Las perspectivas de género y feministas ofrecen nuevas visiones sobre la construcción de discursos y narrativas de seguridad, además de sugerir políticas alternativas para abordar las incertidumbres y ansiedades. A pesar de estas contribuciones, concluimos que el debate sobre la "(in)seguridad ontológica" aún necesita avanzar, especialmente en investigaciones que consideren cuerpos y subjetividades fracturadas u ontológicamente indefinidas.

Palabras clave: Revisión Integrativa de la Literatura, "(in)seguridad ontológica", género, feminismos, Relaciones Internacionales.

EXTENDED ABSTRACT

Originating from studies in Psychiatry and in Sociology, the concept of (in)ontological security gained traction in International Relations scholarship in the late 1990s. In general, works in this field, which became known as Ontological Security Studies, propose a shift in the discussion from physical security, or the idea of "security as survival," to the "security of being." In this sense, research began to emerge on the relationship between security and identity, as well as the connection between the perception of threats and the sense of subjectivity and agency.

Within International Relations literature, there are different theoretical perspectives on (in)ontological security. One prominent strand includes authors who adopt a state-centric approach, as they focus on how States are not only concerned with physical security but, more importantly, with maintaining a certain degree of stability and certainty regarding whom they are and what their expectations are. Any threat to this stability may generate ontological insecurity, which in turn would require state policies and actions to ensure the preservation of national identity. However, scholars aligned with the so-called critical security studies have challenged this approach. From constructivist and postcolonial perspectives, these authors question how the concept of ontological security ends up legitimizing the construction of both physical and imaginary boundaries between social groups and individuals. The discourse on anxiety and the preservation of biographical narratives—central to the state-centric approach—triggers processes of *othering* and the securitization of identities. Furthermore, some scholars deepen their critique of the concept of ontological security by arguing that policies enacted in the name of securing being often result in the exclusion and violence against those who do not conform to hegemonic identity narratives. From disruptive perspectives, such as Queer Theory, scholars reflect on the fractured and incomplete nature of certain identities and ontologies.

The aim of this article is to systematize and analyze the International Relations literature on (in)ontological security that draws from feminist and/or gender studies and theories. Two central questions guide this article: a) how is the concept of (in)ontological security addressed in the articles? and b) what contributions do gender and/or feminist perspectives and debates bring to the literature? To answer these questions, we adopted the methodology of an Integrative Literature Review. The analysis focused on articles published in academic journals rated as Qualis A1 by CAPES (Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel - Brazil), in the field of Political Science and International Relations. The selection of articles from the 47 journals was conducted using the software Publish and Perish and the combination of the following keywords: ("ontological security" AND gender) OR ("ontological security" AND feminism) and ("ontological insecurity" AND gender) OR ("ontological insecurity" AND feminism). In total, 119 articles were retrieved. After further manual examination and abstract analysis, 14 articles remained and were included in the integrative review.

The mapping and analysis of the 14 published articles were conducted in two stages. First, basic elements were presented: the date of publication and the journal in which the texts were published; and then, how the concept of "ontological (in)security" was addressed in the texts. To this end, three aspects were analyzed: i) the centrality of the concept for analysis; ii) whether the proposal was an empirical analysis or a theoretical-conceptual debate; and iii) whether the concept was defined and what definition was presented. Second, the interconnections between gender studies and the debate on "ontological (in)security" proposed in the selected literature were analyzed, reflecting on the contributions that feminist perspectives offer to this debate.

Through the Integrative Literature Review, it can be concluded that only a small number of articles engage directly with the concept of (in)ontological security. Most of them work with themes and concepts that intersect with the discussion on the "security of being," such as the role of emotions and the process of constructing identity narratives. Another key finding is the dialogue with critical perspectives. Although some

works still adopt a state-centric perspective, an expansion of analyses with more critical approaches can be noted, especially those from gender studies and feminisms. A third conclusion concerns the geographic scope of the research, which remains largely focused on contexts of the Global North.

Regarding the second central question, it can be concluded that by adopting gender and feminist perspectives, the works address the process of constructing narratives and political discourses in the name of security of being. These contributions thus hold the potential to challenge the mainstream International Relations literature, although there is still considerable room for further development. Beyond issues of gender and sexuality, the debate on (in)ontological security has much to gain from investigations that address the intersectionalities of race, gender, social class, among other ones, as well as from dialogue with other theories, such as decolonial theories, which elucidate other realities and the fractured nature of bodies and subjectivities.

1. INTRODUÇÃO

Desde meados da década de 1990, o conceito de “(in)segurança ontológica” tem sido trabalhado nas Relações Internacionais, mais especificamente nos estudos de Segurança Internacional. Sua origem está nas áreas da Psiquiatria e Sociologia, onde há um foco no nível dos indivíduos e da sociedade. O conceito remete a um sentido e entendimento consistentes de um “eu”, que é diferente de, mas reconhecido por, “outros” (Zarakol, 2017). Para os autores que desenvolveram o conceito nos anos 1960, R.D. Laing e Anthony Giddens, “a pessoa ontologicamente segura tem um sentido estável de ser, uma certa medida de confiança nas narrativas nas quais esse sentido de ser é estabelecido [e continuado], e a capacidade de aceitar essas narrativas como contingentes, até certo ponto.” (Rossdale, 2015, p. 372).

O conceito de “segurança ontológica” propõe, então, uma reflexão sobre a relação direta entre segurança e identidade; entre a percepção de ameaças e o senso de subjetividade e agência. Dentro dos estudos de Segurança Internacional, a “segurança ontológica” apareceu, inicialmente, nas análises sobre os Estados e as relações interestatais, propondo a mudança de um foco sobre a segurança física, ou o entendimento da “segurança como sobrevivência”, para a discussão sobre a “segurança do ser”.

A segurança física não seria, portanto, o único tipo de segurança que os Estados procuram. Busca-se a segurança ontológica, que demanda uma certa estabilidade e certeza a respeito de quem são os atores e quais as suas expectativas. Nesse sentido, a reflexão sobre rotina e ansiedade torna-se importante na análise da “segurança ontológica”. As situações de incerteza e a ansiedade com relação às dinâmicas e interações com outros atores, bem como com relação à própria identidade, à memória e aos traumas passados, geram o que a literatura chama de “insegurança ontológica”.

A ideia de “segurança do ser” tem, assim, um aspecto relacional. Como argumenta Campbell (1992), a segurança é um pré-requisito duplamente ontológico: o Estado precisa estar seguro, mas também precisa do Outro ameaçador para definir sua identidade, fornecendo-lhe segurança ontológica. Esse “Outro” não é, entretanto, apenas externo – geralmente Estados e alianças interestatais – mas, também, pode estar dentro dos domínios territoriais, na medida em que estão “em locais diferentes de etnia, raça, classe, gênero ou localidade” (Campbell, 1992, p. 76).

Nos estudos críticos de segurança, os autores deslocam a análise do foco no Estado para trabalhar com o indivíduo enquanto objeto de referência da “(in)segurança ontológica”. Eles observam como a construção e a performance de certas identidades dependem da construção (e, por vezes, da securitização) de outras identidades, consideradas antagônicas (Peoples e Vaughan-Williams, 2021).

Kinnvall (2015) analisa como o processo de construção de fronteiras, físicas e/ou imaginárias, estabelecem quem pertence ao “eu” e quem são os “outros”. Essas fronteiras de identidade são baseadas, segundo a autora, em noções generificadas de masculinidade e respondem “à política de medo, insegurança e ameaça” (Kinnvall, 2015, p. 516). Elas dividem, de um lado, os grupos e indivíduos que, por compartilharem e performarem certa

identidade estão incluídos no discurso de proteção estatal e, do outro, aqueles excluídos e/ou considerados uma ameaça. Ocorre, portanto, um processo de alteridade e securitização de identidades.

Deslocar o conceito de segurança ontológica do nível estatal para o individual permite uma mudança do viés estatista dos estudos de segurança para “um engajamento com o terreno do ‘cotidiano’” (Peoples e Vaughan-Williams, 2021, p. 71). No entanto, muitas críticas ainda permanecem sobre a literatura de Relações Internacionais. Os estudos sobre aquele conceito mantêm um foco demasiado nos sujeitos do Norte Global e incorrem na essencialização do objeto de referência. Com relação a esse último ponto, a crítica é que a busca por segurança ontológica levaria a formas de exclusão e violência (e securitização) daqueles sujeitos que não se encaixariam nas narrativas identitárias hegemônicas (Peoples e Vaughan-Williams, 2021).

Rossdale (2015), por exemplo, analisa o conceito de “segurança ontológica” a partir de autoras como Judith Butler e Dora Haraway. O autor argumenta que há na literatura uma tendência de obscurecimento da “natureza fragmentada e múltipla” das narrativas e biografias do “eu”. Desse modo, ele traz a Teoria Queer para desenvolver uma reflexão alternativa sobre a subjetividade, debatendo o caráter fraturado, instável, incompleto e até fracassado de certas identidades e ontologias (Rossdale, 2015).

Assim como o autor traz uma perspectiva de gênero para debater sobre “segurança do ser”, nosso objetivo neste artigo é sistematizar e refletir sobre a literatura que trabalha e/ou dialoga com o conceito de “(in)segurança ontológica” a partir dos estudos e teorias feministas e/ou de gênero. Por meio de uma revisão integrativa dos artigos publicados nos periódicos de Qualis A1 da área de Ciência Política e Relações Internacionais, pretendemos mapear os debates e as contribuições dos trabalhos existentes, bem como apontar possíveis lacunas e possibilidades de pesquisas futuras nesse campo de estudos.

Dois questionamentos centrais norteiam este trabalho de revisão: a) como o conceito de “(in)segurança ontológica” é trabalhado nos artigos? e b) quais as contribuições que as perspectivas e os debates de gênero e/ou feminismos trazem para essa literatura? Para respondê-los, dividimos o artigo em três seções, para além desta Introdução e das Considerações Finais. Inicialmente, apresentamos a metodologia utilizada no trabalho, a Revisão Integrativa da Literatura. Em seguida, sistematizamos a bibliografia coletada e buscamos responder o primeiro questionamento do artigo. Por último, analisamos as interconexões entre os estudos de gênero e o debate sobre “(in)segurança ontológica”, com o objetivo de responder o segundo questionamento apresentado.

A investigação permite mapear e compreender como esse campo de estudos tem evoluído, particularmente no que se refere aos debates de gênero e feminismos. Apesar das importantes contribuições que tais perspectivas trazem para a área, ainda há importantes aspectos a serem analisados e aprofundados. Por um lado, compreendemos ser necessário expandir os locais e as realidades do objeto de estudo. Por outro, é urgente um tensionamento sobre como as políticas de “(in)segurança ontológica” promovem a essencialização e a securitização de corpos e subjetividades.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste artigo é a Revisão Integrativa da Literatura. De caráter qualitativo, ela permite a sistematização e a reflexão crítica sobre os principais trabalhos relacionados a um tema específico. A partir do mapeamento do campo de estudos e a identificação de lacunas, a revisão integrativa tem como objetivo instigar novas agendas de pesquisa. De acordo com Torraco (2005), três passos são essenciais para realizar uma revisão integrativa da literatura.

O primeiro passo envolve as reflexões sobre o tipo de revisão que se pretende fazer, a justificativa para essa revisão e as contribuições para a área. No que concerne aos tipos de revisão, o autor explica que haveriam dois: a revisão sobre um tópico já consolidado ou a revisão sobre um tema recente. Embora os estudos sobre “(in)segurança ontológica” não sejam novos nas áreas de Ciências Humanas e Sociais, sua entrada nas Relações Internacionais é mais recente. Desse modo, neste artigo desenvolvemos uma revisão integrativa sobre uma literatura relativamente nova e em desenvolvimento.

Esse aspecto está vinculado a uma das justificativas para a realização dessa revisão. Os debates sobre “(in)segurança ontológica” nas Relações Internacionais têm avançado na crítica sobre o conceito e na incorporação de outras perspectivas de análise, como aquelas vindas da Teoria Queer. Assim, consideramos importante mapear esses debates no que concerne os aportes dos estudos de gênero e feminismos. Outra justificativa refere-se à própria expansão das perspectivas de gênero e/ou feministas na área de Relações Internacionais. Embora haja um aumento significativo de trabalhos com essas abordagens (Sanchez, Di Giorgio e Jacques, 2024), muitas das investigações ficam marginalizadas ou escanteadas com relação aos grandes debates. Ainda há um errôneo entendimento de que tais trabalhos são pesquisas restritas à situação das mulheres. Assim, é fundamental destacar as contribuições das perspectivas de gênero e feministas que enriquecem as reflexões sobre conceitos da área, incluindo o de “(in)segurança ontológica” - contribuições estas que serão exploradas ao longo deste artigo.

O segundo passo, de acordo com Torraco (2005), é a organização. A princípio, é necessário identificar o que norteará e estruturará a revisão. No nosso caso, buscamos fazer uma análise a partir dos questionamentos apresentados na Introdução. Desse modo, tanto a organização do artigo quanto o fio condutor da reflexão sobre a literatura estão baseados nas perguntas: a) como o conceito de “segurança ontológica” é trabalhado nos artigos? e b) quais as contribuições que as perspectivas e os debates de gênero e/ou feminismos trazem para essa literatura?

Em seguida, é importante esclarecer quais foram os métodos utilizados para coletar e organizar a literatura. Nesta pesquisa, optamos por analisar os artigos publicados nos periódicos acadêmicos classificados com Qualis A1 pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), na área de Ciência Política e Relações Internacionais. Ademais, decidimos incluir dois outros que possuem destaque no campo dos estudos de gênero nas Relações Internacionais: o *International Feminist Journal of Politics* e o *Politics and Gender*. Com essa seleção, é possível analisar uma produção acadêmica de alta qualidade e conhecer o que tem sido produzido mais recentemente na área.

Ao todo foram selecionados 47 periódicos acadêmicos, os quais adotam rígidos critérios de avaliação para publicação dos artigos. Para a coleta das produções em cada um deles utilizamos o software *Publish and Perish*, que permite realizar buscas específicas a partir da indicação do *International Standard Serial Number* (ISSN) e de uma combinação de palavras-chaves. Considerando o nosso objetivo, as combinações foram:

- (“ontological security” AND gender) OR (“ontological security” AND feminism)
- (“ontological insecurity” AND gender) OR (“ontological insecurity” AND feminism)

Com a utilização do software coletamos 119 artigos. Em seguida, a fim de realizar uma investigação acurada, fizemos um trabalho manual de busca das palavras-chave naquela amostra. Esse trabalho permitiu excluir os artigos em que os termos apareciam apenas nas referências bibliográficas. Depois, fizemos a leitura dos resumos dos 42 artigos selecionados, identificando os objetivos dos trabalhos e a sua relação com a proposta dessa pesquisa. Por meio dessa leitura orientada dos resumos, foi possível excluir outros artigos que não dialogavam com a temática a ser analisada. Embora o artigo fizesse alguma menção às palavras-chaves buscadas, ao ler o resumo foi possível identificar que alguns textos não propunham nenhuma reflexão sobre “(in)segurança ontológica”. Ao final, restaram 14 artigos, que foram lidos na íntegra e compõem o *corpus* dessa revisão integrativa.

O terceiro e último passo indicado por Torraco (2005) é a escrita da revisão em si. Nos dois tópicos seguintes procedemos com esse trabalho a fim de mapear e refletir sobre a literatura coletada. Ademais, esperamos que essa revisão integrativa da literatura de Relações Internacionais contribua para o desenvolvimento de novas pesquisas sobre “(in)segurança ontológica” a partir de perspectivas de gênero e/ou feministas.

3. MAPEAMENTO DOS ARTIGOS

Nosso objetivo nesta sessão é apresentar os principais aspectos e as características dos 14 artigos coletados. Primeiramente, realizamos uma análise descritiva dessas publicações. Em seguida, examinamos como o conceito de “(in)segurança ontológica” foi trabalhado pelos/as autores/as. Para isso, observamos três aspectos em cada um deles: i) a centralidade do conceito na análise; ii) se a proposta foi uma análise empírica ou um debate teórico-conceitual; e iii) se há e qual a definição do conceito apresentada.

Inicialmente, cabe mencionar que os artigos aqui analisados foram publicados em apenas nove periódicos dos 47 consultados. Aquele com o maior número de artigos (quatro) foi o *“Cooperation and Conflict”* - um dos principais periódicos de Relações Internacionais na Europa. Especulativamente, levantamos dois motivos para esse baixo número de periódicos de Qualis A1 com publicações sobre “(in)segurança ontológica” a partir de perspectivas de gênero e/ou feminismos. O primeiro motivo é que o conceito ainda não foi amplamente incorporado na literatura e nas análises de Relações Internacionais. O segundo é que as pesquisas sobre gênero e feminismos, especialmente aquelas que dialogam com conceitos, ainda enfrentam barreiras de publicação em revistas tradicionais da área de Relações Internacionais.

No quadro abaixo (tabela 1) listamos todos os artigos que foram objeto de análise, com as suas respectivas datas de publicação, autorias e os periódicos nos quais foram publicados:

Tabela 1

	TÍTULO DO ARTIGO	DATA	AUTORIA	PERIÓDICO
1	“Feeling ontologically (in)secure: States, traumas and the governing of gendered space”	2017	Catarina Kinnvall	Cooperation and Conflict
2	“Paradoxes of (In)Equality: Something is Rotten in the Gender Equal State of Sweden”	2002	Ann Towns	
3	“Post-colonial gaslighting and Greenlandic independence: When ontological insecurity sustains hierarchy”	2023	Emil Sondaj Hansen	
4	“Weak, immoral, naïve: Gendered representations of neutrality and the emotional politics of peace and security”	2024	Christine Agius	
5	“Proud fathers and fossil fuels: gendered identities and climate obstruction”	2023	A Letourneau, D. Davidson, C. Karsgaard & D. Ivanova	Enviromental Politics
6	“The politics of hope: privilege, despair and political theology”	2020	Caron E. Gentry	International Affairs
7	“Toward a Vernacular Security Studies: Origins, Interlocutors, Contributions, and Challenges”	2019	Lee Jarvis	International Studies Review
8	“The Management of Time and Waiting by Unaccompanied Asylum-Seeking Girls in Finland”	2017	Ravi K. S. Kohli & Mervi Kaukko	Journal of Refugee Studies
9	“The Gendered Discourses of Illiberal Demographic Policy in Poland and in Russia”	2022	Barbara Gaweda	Politics and Governance
10	“Performing security absent the state: Encounters with a failed asylum seeker in the UK”	2014	Alexandria J Innes	Security Dialogue
11	“Security, sexuality, and the Gay Clown Putin meme: Queer theory and international responses to Russian”	2022	Dean Cooper-Cunningham	
12	“Why is the zombie apocalypse so terrible for women? Gender, militarism, and ontological insecurity at the end of the world”	2023	Megan A. Armstrong	International Feminist Journal of Politics
13	“Should International Relations Consider Rape a Weapon of War?”	2010	K. R. Carter	Politics and Gender

14	“Masculinity and Sexuality in Populist Radical Right Leadership”	2023	Nik Linders, Stefan Dudink & Niels Spierings	
----	--	------	---	--

Artigos analisados
Fonte: Elaborado pelos autores.

Como podemos observar no quadro acima, com exceção do segundo artigo listado, todos foram publicados a partir da segunda década dos anos 2000. Esse aspecto reforça nosso argumento anterior de que o debate sobre “(in)segurança ontológica” é recente na área de Relações Internacionais, particularmente quando consideramos a intersecção com as perspectivas de gênero e/ou feministas. Assim, essa revisão integrativa tem o potencial de impulsionar novas pesquisas sobre essa temática.

Encaminhando para o nosso primeiro questionamento de como o conceito de “(in)segurança ontológica” é trabalhado nos artigos, observamos, inicialmente, qual a centralidade do conceito para os autores e se a proposta é de uma análise empírica ou de um debate teórico-conceitual (pontos i e ii). Dentre os 14 artigos analisados, em apenas quatro (4) deles há uma reflexão específica sobre “(in)segurança ontológica” e/ou um foco no conceito. Um dos casos é a publicação de Kinnvall (2017). Utilizando o contexto indiano como exemplo, a autora fez uma reflexão teórica sobre a literatura de (in)segurança ontológica. Focando na dimensão emocional do conceito, Kinnvall (2017) investigou como as narrativas de traumas cotidianos constroem “espaços generificados”, em que há um estado contínuo de insegurança ontológica, o qual, por sua vez, impulsiona certos processos de governança.

O conceito também é central no trabalho de Towns (2002), que teve como objetivo expandir o debate sobre “segurança ontológica” a partir de uma perspectiva construtivista e atenta à instrumentalização de discursos de “igualdade de gênero”. Para essa reflexão teórico-conceitual, a autora investigou o contexto sueco. No artigo de Hansen (2023), a ideia e o conceito de (in)segurança ontológica também foram centrais. A partir de uma perspectiva pós-colonial, a autora analisou a relação entre o uso de estratégias de manipulação em discursos políticos e a insegurança ontológica.

O caso analisado por Hansen (2023) foi o da relação hierárquica entre a Groelândia e a Dinamarca. Para além da aplicação do conceito de “(in)segurança ontológica” em uma análise empírica, a autora trouxe uma contribuição teórica para a literatura, ao dialogar com uma perspectiva pós-colonial. O último artigo no qual o conceito de “(in)segurança ontológica” é central é o de Armstrong (2023). Publicado na *International Feminist Journal of Politics*, o trabalho da autora analisa o filme “Guerra Z” por meio daquele conceito. Segundo Armstrong (2023), há, no filme, conexões entre militarismo, gênero e insegurança ontológica.

De modo geral, esses quatro trabalhos articulam o conceito de “(in)segurança ontológica” para analisar determinados casos e contextos sócio-políticos. Em todos os trabalhos também há uma reflexão sobre como expandir os debates teórico-conceitos a partir de outras perspectivas ou enfoques. Nos demais artigos, embora a “(in)segurança ontológica” não seja central na análise, os autores e as autoras utilizam e debatem aspectos presentes na literatura, como é o caso dos conceitos de ansiedade e rotina. A única exceção é o artigo de Jarvis (2019), que tem como propósito apresentar os chamados estudos de segurança vernaculares – ou seja, aqueles que focam no papel da linguagem. Segundo Jarvis (2019), a literatura de “segurança ontológica” faria parte desses estudos.

Com um trabalho sobre os elementos que influenciam na adoção de uma posição de neutralidade nas guerras, Agius (2024) discutiu sobre medos, ansiedades e incertezas. A autora menciona a existência de uma literatura sobre “(in)segurança ontológica” acerca desse tema. No entanto, em sua reflexão sobre o conflito entre a Rússia e a Ucrânia, ela se restringe a debater como aquelas emoções, atravessadas por elementos de gênero, constroem entendimentos sobre segurança e paz (Agius, 2024). Também trabalhando com “emoções”, Gentry (2020) propôs uma reflexão teórica sobre a importância do amor e da esperança enquanto formas de

resistência ativa às situações de incerteza. Embora não debata o conceito de “segurança ontológica”, a autora discute sobre a relação entre vulnerabilidade e ansiedades existenciais (Gentry, 2020).

Ainda nessa linha de artigos que versam sobre emoções, Kohli e Kaukko (2017) falam de esperança e ansiedade na vida de meninas que aguardam perdidos de asilo. Analisando o caso específico da Finlândia, os autores trabalham a importância das rotinas e do estabelecimento de conexões para o exercício de uma resistência na espera. Segundo eles, há alguns autores que trabalham com “segurança ontológica” para analisar casos semelhantes (Kohli e Kaukko, 2017). De forma similar, Innes (2014) aproxima-se de uma literatura de “segurança ontológica” que trabalha com narrativas de identidade autobiográfica. No entanto, em sua análise sobre o caso de um homem requerente de asilo no Reino Unido, a autora propõe uma contribuição teórica alinhada aos estudos da Escola de Copenhague.

No artigo de Cooper-Cunningham (2022), o conceito de “(in)segurança ontológica” também aparece quando o autor faz menção a outros trabalhos. A proposta do artigo foi debater três interpretações existentes sobre o caso do meme que ficou conhecido como *“Gay Clown Putin”*, na Europa ocidental. Uma das abordagens analisadas é aquela que reflete sobre “(in)segurança ontológica” para compreender o funcionamento político do meme. De acordo com a literatura, a criação de memes, como foi o caso do *“Gay Clown Putin”*, redesenha as linhas que determinam os tipos de subjetividade e os lugares das pessoas em uma comunidade, gerando uma situação de insegurança ontológica para o Estado (Cooper-Cunningham, 2022).

Segundo Cooper-Cunningham (2022), essa literatura de “segurança ontológica”, que versa sobre o meme, trabalha com discussões sobre pertencimento e identidades; elementos que também estão presentes em outros artigos analisados. É o caso daquele publicado por Letourneau, Davidson, Karsgaard e Ivanova (2023), que, a partir de uma perspectiva de gênero, analisou os posicionamentos sobre mudanças climáticas de homens trabalhadores da área de combustíveis fósseis do Canadá. Trabalhando com o conceito de “insegurança ontológica” de Giddens, os autores debateram como as políticas climáticas são apresentadas por esses trabalhadores como uma ameaça às suas identidades masculinas (Letourneau et al, 2023).

Com um estudo de caso sobre discursos de gênero na Polônia e na Rússia, Gaweda (2022) debateu a busca por uma segurança da identidade nacional em ambos os países. Segundo a autora, sentimentos de medo e ansiedade foram construídos e fortalecidos por meio de narrativas generificadas acerca das ameaças que mudanças no padrão familiar e nos dados demográficos representavam sobre os valores e a identidade das nações. Assim, os discursos, analisados pela autora, indicam que os atores políticos tinham o objetivo de separar e proteger os mitos nacionalistas das ameaças que viriam do mundo liberal – o que poderia ser entendido como uma busca por “segurança ontológica” (Gaweda, 2022).

Também analisando discursos políticos, Linders, Dudink e Spierings (2023) observaram o uso de ideias e estereótipos sobre masculinidades e sexualidade nas falas de três lideranças de um partido político holandês. Embora mencionem que o conceito de “insegurança ontológica” aparece em outros trabalhos sobre o mesmo objeto, os autores não propõem uma reflexão a partir desse conceito. No entanto, consideram que os aspectos de gênero dos discursos analisados tinham como objetivo diferenciar o “eu” dos “outros”. De um lado, as narrativas buscavam construir uma imagem masculina de seus locutores e, de outro, promoviam a feminização de seus opositores (Linders, Dudink e Spierings, 2023).

O último artigo que trabalha com uma discussão sobre identidades é o de Carter (2010). Com uma proposta de debate teórico-conceitual, a autora argumenta sobre a necessidade de analisar o estupro como “arma de guerra”. O conceito de “(in)segurança ontológica” aparece brevemente no artigo, quando a autora considera que uma pesquisa psicológica poderia analisar o impacto do estupro sistemático na segurança ontológica de indivíduos e Estados. No artigo, há uma reflexão, ainda que incipiente, sobre situações de incertezas e inseguranças decorrentes do caso de haver crianças que não se encaixam na identidade nacional, uma vez que são frutos de estupros cometidos por homens de nacionalidade distinta da vítima (Carter, 2010).

Com relação ao terceiro ponto observado, é possível afirmar que a maioria dos artigos coletados não traz uma definição do conceito de “(in)segurança ontológica”. Porém, eles citam, como referência conceitual, vários

autores. Entre os nomes citados estão Laing (1960) e Giddens (1991; 1999), pioneiros no debate sobre “(in)segurança ontológica”; Huysmans (1998), um dos primeiros autores a abordar a ideia e o conceito de segurança ontológica nas Relações Internacionais e Mitzen (2006) e Steele (2008), os quais trazem uma interpretação focada nas relações interestatais. Além disso, chama a atenção o diálogo com autores que adotam uma perspectiva mais crítica, seja por trazerem um foco maior nos indivíduos (Chernobrov, 2016) ou por proporem reflexões sobre sexualidade (Rossdale, 2015) e gênero (Kinnvall, 2015; Agius, Rosamond e Kinnvall, 2020).

Os trabalhos de Catarina Kinnvall são citados com frequência naqueles artigos que apresentam uma perspectiva crítica e de gênero no debate sobre segurança, identidade e emoções. A autora figura como um dos principais nomes nesse debate e esforço de expansão da literatura. Em seu artigo, que compõe nosso *corpus*, a autora critica a análise de Giddens sobre “segurança ontológica”. De acordo com Kinnvall (2017), no trabalho do teórico há uma confusão entre identidade e o sentido de “eu”. Essa falta de clareza na diferenciação entre os dois conceitos acaba por negligenciar o caráter coletivo e mutável da identidade (Kinnvall, 2017). O objetivo da autora é avançar no debate sobre a literatura de “segurança ontológica”, apresentando uma contribuição desde perspectivas de gênero. Na seção a seguir, analisamos esse aspecto.

4. GÊNERO E FEMINISMOS NOS ESTUDOS DE SEGURANÇA INTERNACIONAL

Nosso objetivo nesta seção é apresentar e refletir as contribuições que as perspectivas e os estudos de gênero e/ou feminismos aportam na literatura sobre “(in)segurança ontológica”. Antes de analisarmos os artigos coletados, é importante compreender como tais perspectivas têm provocado e ampliado os Estudos de Segurança Internacional de modo mais geral.

A emergência de uma teoria (ou teorias) feminista(s) na política internacional ocorreu de maneira conjunta com os feminismos enquanto movimentos políticos. As lutas de mulheres por direitos civis, sociais e políticos e no enfrentamento às violações de direitos humanos e outras violências acompanharam, assim como influenciaram, a formulação de abordagens teóricas e discussões sobre gênero e sexualidade. Para o feminismo, a teoria não é separada da prática política.

Nas Relações Internacionais, o feminismo surge com o propósito de olhar as experiências das mulheres, bem como considerar o gênero como chave analítica dos fenômenos do sistema internacional. Podemos considerar que as pesquisas feministas e os estudos de gênero propõem três principais agendas de pesquisa: a) questionar o papel ocupado pelas mulheres na política internacional; b) analisar como as ideias sobre masculinidades e feminilidades permeiam as relações internacionais; e c) refletir sobre a construção generificada do conhecimento, do poder e de conceitos basilares da disciplina (Estado, Guerra, Paz, Segurança etc.).

No que concerne à segurança (internacional), tanto como um conceito quanto um fenômeno, algumas teóricas propõem a utilização de lentes de gênero para analisar as dinâmicas, os atores e as políticas de segurança. Por meio dessas lentes é possível revelar as operações de poder generificadas que são frequentemente escondidas ou tomadas como dadas.

As teorias feministas propõem uma análise “de baixo para cima”, que investigue, por exemplo, o impacto das guerras e dos conflitos na vida dos indivíduos (em especial as mulheres e/ou sujeitos feminizados), a participação de mulheres nesses cenários tidos como masculinos e questionam a própria ação e os discursos dos Estados de que as guerras e/ou as políticas de segurança são conduzidas para proteger ou salvar as mulheres. Ademais, para as teóricas, as ameaças à segurança não incluem apenas a guerra e a violência internacional, mas, também, a violência doméstica, estupro, pobreza, subordinação de gênero e destruição ecológica (Sjoberg, 2010).

De modo geral, nas teorias feministas há uma crítica ao caráter estatal do conceito de segurança. Nas análises tradicionais da área o Estado é tido como o garantidor natural da segurança. Essa percepção, de acordo com as teóricas dos estudos de gênero, é construída a partir de certos estereótipos sobre masculinidades e feminilidades. Embora a experiência de gênero varie entre as pessoas, devido aos marcadores sociais, raciais, étnicos, sexuais, entre outros, em muitas sociedades as características atribuídas à feminilidade (fraqueza, emoção, sensibilidade etc.) são depreciadas em relação àquelas relacionadas à masculinidade (força, racionalidade, virilidade etc.) (Sjoberg e Via, 2010).

A dicotomia feminino/masculino reforça, por sua vez, a noção de que as guerras são realizadas pelos homens (o “soldado herói”) para proteger as mulheres (indefesas) contra um certo inimigo ou ameaça (o masculino marginalizado). Essa construção generificada dos papéis sociais justifica o uso da violência nos combates (Tickner, 2001). É o que a literatura feminista denomina como o “mito do Estado protetor” (Wilcox, 2009; Peterson, 2010; Sjoberg, 2010).

A construção do Estado protetor, que tem características masculinas, depende da construção de um sujeito a ser protegido, seja a Nação ou grupos sociais que são caracterizados como feminizados (Tickner, 2001). Há, assim, uma lógica paternalista e protecionista da ação militar, a qual garante que estratégias ofensivas e violentas pareçam necessárias e defensivas para as pessoas (Wilcox, 2009). A teoria feminista chama atenção, portanto, para a tendência nas políticas de segurança de exaltar e valorizar ações repressivas, que são entendidas pelos governantes como mais efetivas, pois, elas contêm elementos masculinos como racionalidade, força e virilidade. Entretanto, quando os governos usam essa lógica, que ajuda a justificar o uso da violência para proteger as pessoas, eles promovem a insegurança em certos setores da sociedade.

Assim como outras áreas do conhecimento, também observamos nos estudos de gênero uma ampliação de debates e um tensionamento vindo desde dentro. Com o objetivo de desvincularem-se de uma ideia de que falar de gênero é falar apenas de mulheres, muitos autores e autoras têm discutido acerca das masculinidades^[2], refletindo sobre conceitos como masculinidade hegemônica^[3] (Connell e Messerchmidt, 2005) e masculinidade militarizada^[4] (Theidon, 2009). Ademais, a emergência dos estudos Queer, nas Relações Internacionais, tem lançado luz sobre a realidade dos corpos tradicionalmente excluídos da vida política e/ou considerados abjetos, bem como tem ampliado o debate sobre sexualidade nas análises de segurança internacional (Weber, 2015).

Dentre os 14 artigos analisados nessa revisão integrativa, há vários que propõem um tensionamento da literatura de “(in)segurança ontológica” a partir de epistemologias e perspectivas de gênero. O primeiro artigo da nossa lista é o da pesquisadora Catarina Kinnvall (2017). Segundo a autora, a literatura sobre segurança ontológica tende, no geral, a desconsiderar a dimensão de gênero presente nas narrativas. Para romper com isso, Kinnvall (2017) traz a ideia de “espaços generificados”. O termo lança luz para as normas de gênero que estruturam os locais e espaços sociais, o que permite observar como as hierarquias de feminilidades e masculinidades e as narrativas hegemônicas atravessam e constituem as normas e rotinas.

Nesse artigo, Kinnvall (2017) também propõe uma análise dos traumas como fenômenos do cotidiano, não como eventos excepcionais. Certos traumas são inerentes dos espaços generificados, como são os casos de violência de gênero. Esse tipo de violência é visto, em alguns locais, como parte uma determinada ordem, de uma situação de insegurança ontológica que faz parte de estruturas de poder desiguais e patriarcais (Kinnvall, 2017). Ao trazer a dimensão de gênero para a análise, a autora lança luz para o cotidiano de violências que certos corpos (aqui no caso algumas mulheres indígenas) vivenciam e como as narrativas de “(in)segurança ontológica” são atravessadas por, bem como constituem, hierarquias de poder, que mantêm e justificam uma determinada ordem social.

Outro artigo que traz uma contribuição para pensarmos sobre “segurança ontológica” a partir dos feminismos é o da pesquisadora da área Caron Gentry (2020). A autora propõe uma análise feminista pós-estruturalista e a partir de um realismo cristão feminista para pensar o potencial de transformação de emoções

como o amor e a esperança, no que se refere às situações de incertezas e ansiedades. Gentry (2020) critica o que considera um foco demasiado das epistemologias masculinistas nas ansiedades e, consequentemente, na tendência de uma busca por poder para combater as situações de incertezas.

Também trabalhando desde uma epistemologia feminista, Innes (2014) considera a segurança como um conceito performativo, dependente da prática e do significado de cada indivíduo. A autora analisa que, diante de uma situação em que o Estado não atende às necessidades de segurança dos sujeitos, ou mesmo quando promove exclusões e insegurança, os indivíduos (re)constroem um significado próprio acerca desse conceito. De maneira semelhante, Christine Agius afirma, em seu artigo publicado em 2024, que os estudos feministas lançam luz para formas alternativas de paz, diferentemente das perspectivas masculinizadas que permeiam nossos entendimentos sobre segurança. Os artigos dessas três autoras (Gentry, 2020; Innes, 2014; Agius, 2024) reforçam, cada um da sua maneira, como as pesquisas que partem de um pensamento feminista expandem os debates de segurança e propõem políticas e formas alternativas para lidar com as situações de incerteza e vulnerabilidade.

Na maioria dos artigos analisados, os autores e as autoras abordaram como os estereótipos de gênero e sexualidade foram instrumentalizados em discursos políticos e em processos de construção identitária. Towns (2002), por exemplo, observou como o discurso de igualdade de gênero foi utilizado na Suécia para categorizar grupos sociais e indivíduos dentro das fronteiras estatais. Essa análise mostra como certas pautas sociais podem ser instrumentalizadas dentro de uma narrativa de busca da segurança ontológica, o que nos impele a questionar a quem e quais projetos esses movimentos interessam.

Por meio de uma análise generificada, Gaweda (2022) demonstrou como os estereótipos e binarismos de gênero são instrumentalizados em discursos políticos para diferenciar o “eu” do “outro”. Os elementos ligados à feminilidade são utilizados para caracterizar e depreciar aqueles considerados diferentes. O trabalho da autora ressalta que o medo da efeminação (tornar-se feminino ou com características ligadas à feminilidade) gera ansiedades de gênero que, por sua vez, pode legitimar certas políticas de segurança (Gaweda, 2022). Também atenta ao processo de legitimação e justificava de certas políticas e/ou ações, Armstrong (2023) observou como as dicotomias de gênero ajudam a construir um discurso de insegurança ontológica que demanda a militarização das políticas securitárias.

Nesses artigos também é possível identificar uma reflexão sobre o “mito do Estado protetor”. Armstrong (2023), por exemplo, demonstrou como, na obra cinematográfica, alguns personagens são construídos de forma a performaram uma masculinidade protetora, em que o uso da força é o elemento mais visível. Além disso, as narrativas presentes na história reforçam a ideia de que a segurança só foi alcançada em uma situação em que os binarismos e papéis de gênero foram restabelecidos. A garantia da segurança estava conectada com o retorno a uma ordem patriarcal (Armstrong, 2023).

Nessa mesma linha da análise de Gaweda (2022), temos o artigo de Hansen (2023), que, embora não tenha trabalhado especificamente com uma teoria feminista, observou como alguns políticos dinamarqueses utilizavam de termos e preconceitos de gênero para descredibilizar as falas e os posicionamentos de mulheres. O autor trabalha com a ideia de “estratégias de manipulação pós-coloniais”, que, construídas por estereótipos de gênero e raça, visam afetar o senso de segurança dos agentes (Hansen, 2023).

Três dos artigos coletados abordam o debate sobre masculinidades, reforçando que uma análise de gênero não se limita à análise das mulheres. Entre eles, o estudo de Letorneau, Davidson e Ivanova (2023) oferece uma importante contribuição ao examinar como alguns homens respondem a situações de insegurança. Os autores discutem a interseção entre políticas internacionais, relacionadas às mudanças climáticas, e as percepções individuais de segurança. Além disso, o artigo nos desafia a construir novas narrativas sobre as mudanças e transformações sociopolíticas, superando dicotomias de gênero e, em particular, as normas de masculinidades tóxicas (Letorneau, Davidson e Ivanova, 2023).

Outro artigo nessa linha é o de Linders, Dudink e Spiering (2023). Analisando a presença de estereótipos sobre masculinidades e sexualidades em discursos políticos, os autores observam como esses elementos, junto

com aspectos étnicos e raciais, estão vinculados no imaginário social a uma certa ordem de gênero, na qual a identidade e o senso de coesão da Nação estão baseados. Por último, temos o artigo de Carter (2010), que, embora não tenha esse objetivo, levanta um questionamento sobre como certas violências contra homens, como é o caso do estupro, geram uma destruição não só física, mas identitária. Esse tipo de violação destrói as identidades de gênero masculinas, uma vez que associa os corpos desses indivíduos com o feminino (Carter, 2010).

Dentre os 14 artigos analisados, apenas um deles trabalha com uma perspectiva dos estudos queer, o de Cooper-Cunningham (2022), publicado no periódico *Security Dialogue*. Embora o autor não trabalhe diretamente com o conceito de “(in)segurança ontológica”, ele mostra como uma análise queer rompe com os conceitos e as políticas de segurança, de um modo geral. Segundo o autor, nos estudos queer celebra-se a diferença e o rompimento das normas. Com isso, lança-se luz sobre os corpos e comportamentos considerados abjetos, ou seja, aqueles que estão fora ou não se conformam com as identidades, as normas e os padrões impostos. As manifestações queer demonstram “como poucas pessoas se alinham perfeitamente com as normas de sexo e gênero socialmente impostas que nos governam, destacando como todo moralismo sobre sexualidade é, em última análise, arbitrário, mas infundido de poder.” (Cooper-Cunningham, 2022, p. 317).

Compreendemos que uma análise queer é, por si só, uma ruptura da ideia de segurança ontológica. Enquanto esse conceito pressupõe a necessidade de uma certa estabilidade e clareza quanto à ontologia dos atores e agentes para minimizar incertezas e ansiedades, os estudos queer revelam o potencial disruptivo das ações e subjetividades que desafiam as hierarquias e dicotomias de gênero e sexualidade. Essa abordagem não é apenas teórica, mas também uma prática política que rejeita divisões rígidas e evidencia a impossibilidade de categorizar comportamentos e corpos.

5. CONCLUSÃO

Nosso objetivo neste artigo foi analisar a literatura de Relações Internacionais sobre “(in)segurança ontológica”, particularmente os trabalhos que adotam perspectivas de gênero e/ou feministas. Utilizando da metodologia de Revisão Integrativa da Literatura, mapeamos e analisamos 14 artigos publicados nos periódicos da área de Ciência Política e Relações Internacionais qualificados como A1 pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). A revisão foi realizada a partir de dois questionamentos centrais: a) como o conceito de “segurança ontológica” é trabalhado nos artigos? e b) quais as contribuições que as perspectivas e os debates de gênero e/ou feminismos trazem para essa literatura?

No que concerne o primeiro questionamento, verificamos que foram poucos os trabalhos que tiveram como objetivo um debate sobre o conceito, de modo a tensionar ou adotar as definições existentes. Isso coaduna com o nosso argumento inicial de que a literatura de Relações Internacionais que versa sobre “(in)segurança ontológica” é relativamente nova. Esse campo de estudos ainda está se consolidando, o que se reflete no fato de que muitos autores e autoras analisam termos e ideias que estão presentes em tal debate, mesmo que não abordem diretamente aquele conceito. Como pudemos observar, em alguns artigos há análises sobre o papel das emoções nos contextos e políticas de segurança, e, em outros, houve um foco no debate sobre a construção de narrativas identitárias.

Além desse aspecto, é interessante notar que, embora muitos autores tenham adotado as definições estabelecidas por Laing e Giddens, pioneiros no debate, ou, ainda, tenham trabalhado a partir de concepções de teóricos que abordam as relações estatais (Mitzen, 2006), observamos que há uma tendência de deslocamento das análises para observar as dimensões locais e/ou individuais. Como mencionamos na introdução, esse movimento de deslocar a análise do nível estatal para o individual já tinha sido notada em trabalhos anteriores (Peoples e Vaughan-Williams, 2021). Essa mudança de nível de análise pode ser entendida como dentro de um contexto mais amplo de ampliação e aprofundamento dos Estudos de Segurança Internacional. Em outras palavras, não é uma tendência específica do campo de estudos da “(in)segurança ontológica”, mas um

movimento que ganha espaço na área de Relações Internacionais de modo geral. No caso da segurança ontológica, observamos que, ao olhar e analisar as dimensões locais e individuais, os/as autores/as têm adotado definições mais críticas e pensadas desde os estudos de gênero, como aquelas vindas desde os trabalhos de Kinnvall e Rossdale.

Apesar desse deslocamento das análises, pudemos observar que os trabalhos publicados, e aqui analisados, ainda incorrem em análises passíveis de críticas. Devido ao fato de que a maioria dos periódicos qualificados como A1 são do Norte Global, vemos que ainda há uma predominância de análises atentas para a realidade dessa região do mundo. Com exceção do artigo de Kinnvall (2017), que abordou o contexto indiano, todos os demais, que trazem uma análise empírica, tiveram como objeto de reflexão as dinâmicas do hemisfério norte. Esse achado demonstra que há uma importante lacuna a ser preenchida na literatura. O debate sobre “(in)segurança ontológica” tem muito a avançar ao considerar realidades e contextos diversos, os quais, por sua vez, demandam o diálogo com perspectivas teóricas construídas desde o Sul Global.

No que concerne o segundo questionamento, consideramos que, ao adotar perspectivas de gênero e/ou feministas, os autores e as autoras tensionam pontos importantes da literatura de segurança internacional. Nas publicações analisadas, vemos uma preocupação em investigar os elementos de gênero presentes nos processos de construção de narrativas e discursos políticos, os quais legitimam determinadas políticas securitárias. Alguns trabalhos também trazem aquelas perspectivas para pensar alternativas para lidar com questões de segurança.

Não obstante as importantes contribuições dessas pesquisas, compreendemos que, na maioria dos artigos analisados, ainda há uma essencialização do objeto de referência da “segurança ontológica”. Consequentemente, não há uma problematização de como os discursos e as políticas demandantes da “segurança do ser” acabam por securitizar subjetividades e identidades que não se encaixam em definições ontológicas claras. Com exceção do artigo de Cooper-Cunningham (2022), nos demais artigos coletados, não há uma análise sobre corpos e subjetividades ontologicamente fraturados (Rossdale, 2015).

O trabalho daquele autor elucida como uma análise queer nos permite ir além de um debate que visa apenas redesenhar as linhas divisórias, presentes nos discursos de segurança ontológica, que separam o “eu” do “outro”, a comunidade interna da externa. O propósito não pode ser substituir uma forma de organização por outra, ou apenas problematizar a estabilidade ontológica das normas de gênero. Uma análise e uma práxis queer celebra, ao contrário, o corpo que é considerado abjeto e o comportamento visto como desviante, ou seja, tudo aquilo que não se conforma com as normas e a ordem dominante. Uma epistemologia queer abandona as divisões que definem o que é considerado ameaçador. Demonstra que não é possível categorizar os corpos e os comportamentos.

De modo a concluir, reforçamos a potência analítica e questionadora das perspectivas de gênero e/ou feministas sobre a literatura de “(in)segurança ontológica”, em especial ao lançar luz sobre os corpos feminizados e propor formas alternativas de se pensar as políticas de segurança. Não obstante essas contribuições, consideramos que há muito o que avançar nos estudos sobre “segurança do ser”. Para além da questão de gênero e sexualidade, há que se debater amplamente como a interseccionalidade dos marcadores de raça, etnia, classe social, entre outros, desestabiliza o processo de categorização dos sujeitos e a busca por estabelecer fronteiras de pertencimento, ideias presente no conceito de “(in)segurança ontológica”. Assim, consideramos importante o diálogo com perspectivas não só como a dos estudos queer, mas, também, aquelas dos estudos decoloniais, que trazem para a análise a realidade dos corpos e subjetividades fraturadas, que além de serem abjetos por causa de seu gênero e sexualidade, são silenciados ou excluídos em decorrência de uma estrutura colonial.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agius, Ch. (2024). Weak, immoral, naïve: Gendered representations of neutrality and the emotional politics of peace and security. *Cooperation and Conflict*, 59(2), 266-289. <https://doi.org/10.1177/00108367231198>
- Agius, Ch, Rosamond, A.B. e Kinnvall, C. (2020). Populism, ontological insecurity and gendered nationalism: masculinity, climate denial and covid-19. *Politics, Religion & Ideology*, 21(4), 432–450. <https://doi.org/10.1080/21567689.2020.1851871>
- Armstrong, M.A. (2023). Why is the zombie apocalypse so terrible for women? Gender, militarism, and ontological insecurity at the end of the world. *International Feminist Journal of Politics*, 25(5), 801-818. <https://doi.org/10.1080/14616742.2023.2208140>
- Campbell, D. (1992). *Writing security: United States foreign policy and the politics of identity*. University of Minnesota Press.
- Carter, K.R. (2010). Should international relations consider rape a weapon of war?. *Politics & Gender*, 6(3), 343-371. <https://doi.org/10.1017/S1743923X10000280>
- Chernobrov, D. (2016). Ontological security and public (mis)recognition of international crises: uncertainty, political imagining, and the self'. *Political Psychology*, 37(5), 581–96.
- Connell, R.W. e Messerschmidt, J.W. (2005). Hegemonic masculinity: Rethinking the concept. *Gender & society*, 19(6), 829-859. <https://doi.org/10.1177/0891243205278639>
- Cooper-Cunningham, D. (2022). Security, sexuality, and the Gay Clown Putin meme: Queer theory and international responses to Russian political homophobia. *Security Dialogue*, 53(4), 302-323. <https://doi.org/10.1177/09670106211055308>
- Gaweda, B. (2022). The gendered discourses of illiberal demographic policy in Poland and in Russia. *Politics and Governance*, 10(4), 49-60. <https://doi.org/10.17645/pag.v10i4.5516>
- Gentry, C.E. (2020). The politics of hope: privilege, despair and political theology. *International Affairs*, 96(2), 365-382. <https://doi.org/10.1093/ia/iaaa011>
- Giddens, A. (1991). *Modernity and Self-Identity: Self and Society in the Late Modern Age*. Polity Press.
- Giddens, A. (1999). Risk and responsibility. *Modern Law Review*, 62(1), 1–10. <https://doi.org/10.1111/1468-2230.00188>
- Hansen, E.S. (2023). Post-colonial gaslighting and Greenlandic independence: When ontological insecurity sustains hierarchy. *Cooperation and Conflict*, 58(4), 460-484. <https://doi.org/10.1177/00108367231163816>
- Huysmans, J. (1998). Security! What Do You Mean? From Concept to Thick Signifier. *European Journal of International Relations*, 4(2), 226–255. <https://doi.org/10.1177/1354066198004002004>
- Innes, A.J. (2014). Performing security absent the state: Encounters with a failed asylum seeker in the UK. *Security Dialogue*, 45(6), 565-581. <https://doi.org/10.1177/0967010614540026>
- Jarvis, L. (2019). Toward a vernacular security studies: Origins, interlocutors, contributions, and challenges. *International Studies Review*, 21(1), 107-126. <https://doi.org/10.1093/isr/viy017>
- Kinnvall, C. (2015). Borders and Fear: Insecurity, Gender and the Far Right in Europe. *Journal of Contemporary European Studies*, 23(4), 514–529. <https://doi.org/10.1080/14782804.2015.1056115>
- Kinnvall, C. (2017). Feeling ontologically (in) secure: States, traumas and the governing of gendered space. *Cooperation and conflict*, 52(1), 90-108. <https://doi.org/10.1177/0010836716641137>

- Kohli, R.K. e Kaukko, M. (2018). The management of time and waiting by unaccompanied asylum-seeking girls in Finland. *Journal of Refugee Studies*, 31(4), 488-506. <https://doi.org/10.1093/jrs/fex040>
- Laing, RD. (1960). *The Divided Self: An Existential Study in Sanity and Madness*. Penguin.
- Letourneau, A., Davidson, D., Karsgaard, C., e Ivanova, D. (2023). Proud fathers and fossil fuels: gendered identities and climate obstruction. *Environmental Politics*, 33(4), 678-698. <https://doi.org/10.1080/09644016.2023.2274271>
- Linders, N., Dudink, S. e Spierings, N. (2023). Masculinity and sexuality in populist radical right leadership. *Politics & Gender*, 19(3), 653-674. <https://doi.org/10.1017/S1743923X22000265>
- Mitzen, J. (2006). Ontological security in world politics: State identity and the security dilemma. *European journal of international relations*, 12(3), 341-370. <https://doi.org/10.1177/1354066106067346>
- Peoples, C. e Vaughan-Williams, N. (2021). Ontological security. Em C. Peoples e N. Vaughan-Williams (Eds.), *Critical Security Studies: An Introduction* (pp. 66-79). Routledge.
- Peterson, V.S. (2010) Gendered Identities, Ideologies, and Practices in the Context of War and Militarism. Em L. Sjoberg, S. Via, (Eds), *Gender, war, and militarism: feminist perspectives* (pp. 17-29). ABC-CLIO.
- Rosddale, Ch. (2015). Enclosing critique: the limits of ontological security. *International political sociology*, 9(4), 369-386. <https://doi.org/10.1111/ips.12103>
- Sanchez, L., Di Giorgio, F., e Jacques, M. (2024). Perspectivas de géneros y feminismos en el campo de las relaciones internacionales: Una comunidad epistémica latinoamericana en cíernes. Universidad Nacional de La Plata - IdIHCS.
- Sjoberg, L. (2010). *Gender and international security. Feminist Perspectives*. Routledge.
- Sjoberg, L. e Via, S. (2010) *Gender, war, and militarism: feminist perspectives*. ABC-CLIO.
- Steele, B. J. (2008). Ontological Security in International Relations: Self Identity and the IR State. Routledge.
- Theidon, K. (2009). Reconstructing masculinities: The disarmament, demobilization, and reintegration of former combatants in Colombia. *Human Rights Quarterly*, 31(1), 1-34. https://heinonline.org/HOL/Page?handle=hein.journals/hurq31&div=4&g_sent=1&casa_token=qcKa1sqGioQAAAAA:JLW122sm6nS8mv6roMlByI4XNyCAs6fK19u1wSFyJFPh5-6T4rweUhXcEtuMHK7JcB5J1PRSEbA&collection=journals
- Tickner, J.A. (2001). *Gendering world politics: Issues and approaches in the post-Cold War era*. Columbia University Press.
- Torraco, R.J. (2005). Writing integrative literature reviews: Guidelines and examples. *Human resource development review*, 4(3), 356-367. <https://doi.org/10.1177/1534484305278283>
- Towns, A. (2002). Paradoxes of (in) equality: Something is rotten in the gender equal state of Sweden. *Cooperation and conflict*, 37(2), 157-179. <https://www.jstor.org/stable/45084067>
- Weber, C. (2015). Why is there no queer international theory? *European Journal of International Relations*, 21(1), 27-51. <https://doi.org/10.1177/1354066114524236>
- Wilcox, L. (2009). Gendering the cult of the offensive. Em L. Sjoberg (Ed.), *Gender and International Security: Feminist perspectives* (pp. 61-82). Routledge.
- Zarakol, A. (2017). States and Ontological Security: A Historical Rethinking. *Cooperation and Conflict*, 52(1), 48-68. <https://doi.org/10.1177/0010836716653158>

Notas

1 O autor agradece o apoio financeiro proporcionado às suas investigações pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UNILA sob os seguintes instrumentos financeiros: PRPPG No 109/2017, PRPPG No 58/2018, PRPPG No 110/2018, PRPPG No 149/2018, PRPPG No 154/2018, PRPPG No 25/2019, PRPPG No 80/2019, PRPPG No 66/2020, PRPPG No 104/2020, PRPPG No 105/2020, PRPPG No 166/2021, PRPPG No 191/2021, PRPPG No 205/2021, PRPPG No 77/2022, PRPPG No 90/2022, PRPPG No 102/2023, PRPPG No 121/2023, PRPPG/IMEA No 16/2023, PRPPG No 118/2024, PRPPG No 05/2025. Além disso, o autor agradece o apoio financeiro recebido pelo Programa de Pesquisa Básica e Aplicada (PBA — Chamadas Públicas 09/2021 e 23/2024) da Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Paraná e pela Bolsa de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico — CNPq.

2 A masculinidade, como pontuam Connell e Messerchmidt (2005, p. 836), “não é uma identidade fixa”, mas “configurações de práticas que se realizam na ação social e, portanto, podem diferir de acordo com as relações de gênero em um determinado contexto social.”.

3 A masculinidade hegemônica é aquela capaz de solucionar as tensões nas relações de gênero, tendendo a estabilizar o poder patriarcal ou reconstituir-o em novas condições. Quando transformada as condições que possibilitam a sua hegemonia, essa masculinidade vai ser contestada e desafiada (Connell e Messerschmidt, 2005).

4 O conceito de masculinidade militarizada é entendido como a “fusão de certas práticas e imagens de masculinidade com o uso de armas, o exercício da violência e a performance de uma masculinidade agressiva e frequentemente misógina.” (Theidon, 2009, p. 5).

Información adicional

Cómo citar / citation: Salim de Castro, H. e Blanco, R. (2026). Gênero, Feminismos e “(In)Segurança Ontológica”: uma revisão integrativa da literatura de Relações Internacionais. *Estudios de la Paz y el Conflicto, Revista Latinoamericana, Volumen 7*, Número 13, 58-76. <https://doi.org/10.5377/rlpc.v7i13.21292>

Información adicional

redalyc-journal-id: 7621

**Disponible en:**

<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=762182015008>

Cómo citar el artículo

Número completo

Más información del artículo

Página de la revista en redalyc.org

Sistema de Información Científica Redalyc

Red de revistas científicas de Acceso Abierto diamante
Infraestructura abierta no comercial propiedad de la
academia

Helena Salim de Castro, Ramon Blanco[1]

Gênero, Feminismos e “(In)Segurança Ontológica”: uma revisão integrativa da literatura de Relações Internacionais

Gender, Feminisms and “Ontological (In)Security”: an integrative review of International Relations literature
Género, Feminismo y “(In)Seguridad Ontológica”: una revisión integrativa de la literatura de Relaciones Internacionales

Revista Latinoamericana Estudios de la Paz y el Conflicto
vol. 7, núm. 13, p. 58 - 76, 2026

Universidad Nacional Autónoma de Honduras, Honduras
revistapaz@unah.edu.hn

ISSN-E: 2707-8922

ISSN-L: 2707-8914

DOI: <https://doi.org/10.5377/rpc.v7i13.21292>